

beccol

#58

**MCKENZIE
HAYES**

*Confortavelmente
em casa*

ENTREVISTA
Martí
Perarnau
*“Futebol é
um jogo
muito
complexo”*

•
ACONTECE
O MUNDO
DOS
XENNIALS

•
OPINIÃO
CRIMINALIZAR
A HOMOFOBIA
É A SOLUÇÃO?





RevistaBecool



@becoolmagazine



Capa
Mckenzie Hayes

becool

#58 JULHO

2017

4	CARTA AOS LEITORES
5	MISCELÂNEA
	O MÊS EM PÍLULAS
8	ENTREVISTA
	MARTÍ PERARNAU
12	MANUAL
	ESTILO E COMPORTAMENTO
18	CAPA
	CMCKENZIE HAYES
30	ACONTECE
	O MUNDO DOS XENNIALS
34	OPINIÃO
	CRIMINALIZAR É A SOLUÇÃO?
38	ENSAIO
	DINA
44	ESQUENTA
	SEXO, RELACIONAMENTO E ATITUDE
48	FAZ SENTIDO?
	E SE EU FOR DUDA CAMARGO?
49	CRÔNICA
	COLHENDO OS FRUTOS
50	CHARGE
	HUMOR

Desculpem mais esse atraso. É que eu tava passando por problemas pessoais como gravidez. O que importa é que estamos colocando no ar mais uma edição da BECOOL, a três meses da marca histórica de cinco anos no ar. Isso mesmo, cinco fucking anos!

Em breve, teremos um pequeno apanhado das diversas comemorações que teremos a partir de setembro. Por enquanto, hora de falar da edição 58, esta que está indo ao ar. O ensaio de capa tem a modelo Mckenzie Hayes, que tirou belas fotos em uma casa nos EUA e você confere aqui o resultado. Quem também tirou a roupa aqui é uma modelo que se identifica como Dina — e fez belíssimas fotos que você não pode perder.

O entrevistado do mês é Martí Perarnau, biógrafo de Pep Guardiola. Tem ainda um perfil dos “xennials” (jovens demais para serem millenials, velhos demais para serem da geração X) e uma polêmica sobre criminalização da homofobia. E não perca as seções “Miscelânea”, com o mês e pílulas, “Manual”, com dicas para o homem moderno, e “Esquenta” com dicas de sexo, relacionamento e atitude. Ainda temos uma charge e as colunas de Monica de Souza e Alberto Villas.

Muito obrigado por ser um leitor desta revista. A BECOOL 58 já está no ar. Boa leitura e não deixe de compartilhar esta revista grátis e seguir a gente nas redes sociais.

ADEUS, FABIO HERNANDEZ

O cubano que se autodenominava um “escritor barato” nunca existiu na vida real. Foi uma criação de antigos membros da redação da *VIP*: Mariella Lazaretti, José Ruy Gandra e o então diretor de redação, Paulo Nogueira — que, ao pegar o personagem, nunca mais largou, de tal forma que o levou até para seu Diário do Centro do Mundo.

Nogueira morreu no último 29 de câncer. Tinha 61 anos. Passou pelas mais diversas redações — *Veja*, *Vejinha*, *Exame* (na qual ele se consagrou), *VIP* e várias outras publicações que ele lançou. Trabalhou na chefia da Editora Globo e de lá saiu para curtir Londres, de onde voltaria anos depois com o intuito de mergulhar de cabeça no mundo digital — além do DCM, era sócio do portal El Hombre, dirigido por seu filho Pedro.

Era um homem de convicções fortes. Nos últimos tempos, se envolveu com o belicoso debate político do Brasil, o que fez com que criasse desafeitos. Nem eles podem negar a contribuição que Paulo deu ao jornalismo, ou o talento com que o exercia. Foi, acima de tudo, corajoso por não esconder o que pensava, nem neste momento da história.

Na seção “Esquenta”, está o último texto do pseudônimo Hernandez, sobre a importância de um pai. Foi republicado por seu filho Pedro no El Hombre. Além de tudo o que representa para o jornalismo e para o país, Nogueira deixará saudades também por ele, o Homem Sincero da *VIP*. Descanse em paz, Fabio.

Você retweetou

babi @babixlonia · 10 de jul
tem duas pessoa se abraçando na foto e vcs ja META DE RELACIONAMENTO misericórdia vai dormir

33 40

Você retweetou

Bruno Leo Ribeiro @brunoleoribeiro · 9 de jul
Não quero ser rico, só quero dinheiro suficiente pra parar de apertar o botão de "ordenar por preço".

24 2,1 mil 3,2 mil

Você retweetou

beatriste @ByaBuzzolo · 10 de jul
eu queria dormir mas so consigo pensar na tabela do brasileiro..

1 1

Você retweetou

fransuel™ @fransuel · 9 de jul
"kkkkkk é pra isso que eu pago internet"

(imagem com 50 mil rt com conteúdo questionável)

1 39 77

Você retweetou

Andre Scutieri @andre_scutieri · 15 de mai
A internet é o retorno ao Antigo Egito: delineador estranho, obsessão com gatos, adoração a políticos como deuses e comunicação por desenhos

89 14 mil 15 mil

Você retweetou

Rômulo Mendonça @romulomendonca · 9 de jul
Fico impressionado com tantas mensagens que ainda recebo sobre minhas narrações do vôlei olímpico. Continuem massageando meu ego, por favor.

232 144 3,2 mil

Você retweetou

Bruno @_BrunoHoffmann · 9 de jul
Ninguém é + agradável q 1 apolitizado
- esse Lula é um ladrão
- pô, foda, né
- Esse Aécio é um ladrão
- pô, foda, né
E dá um gole na breja

16 42

Você retweetou

Maurílio dos Anjos @raulchequer · 7 de jul
O ladrão anunciou o assalto, eu disse "sem violência, me solidarizo com quem tem fome". Ele disse "já almocei" e levou minha carteira.

7 94 291

Você retweetou

kokonana @suhowara · 5 de jul
um curitibano no inverno de -38°C
um carioca no verão de 67°C
os dois a 80km/h
quem é mais chato

135 12 mil 14 mil

mulheres que amamos . bloco de notas . roteiro sp

miscelânea

mulheres que amamos

MAISA SILVA

Maisa da Silva Andrade é uma atriz, cantora, modelo e apresentadora brasileira. Após ter sido descoberta aos três anos no "Programa do Raul Gil", na Record, começou a sua carreira sendo contratada pelo SBT, como apresentadora dos programas infantis: "Sábado Animado", "Domingo Animado" e "Bom Dia & Cia.". Seu primeiro álbum musical foi em 2009, intitulado "Tudo que Me Vem na Cabeça", pela Universal Music. Logo após seu lançamento musical, Maisa participou da novela "Carrossel" em 2012, no SBT. Atualmente, a atriz possui também um canal no YouTube e é dona do single "NheNheNhem", que foi lançado em 2014 e ficou nas primeiras paradas do Spotify Brasil.

mulheres que amamos . bloco de notas . roteiro sp

bloco de notas



Pra quem estava em outro planeta e não faz ideia do contexto dessa foto, ela foi tirada durante a gravação de mais um “Jogo das Três Pistas”, quadro do “Programa Silvio Santos”, cujo titular e apresentador está no centro. À esquerda está Dudu Camargo, 19, apresentador do “Primeiro Impacto”. À direita, Maisa Silva, 15, aquela que até anteontem puxava a peruca (?) daquele que está no centro da foto.

No último dia 18 foi ao ar o “Jogo dos Pontinhos” em que a foto foi tirada. Nele, Silvio, como sempre constrangedor, sugere um relacionamento entre os dois jovens. Maisa respondeu dizendo que era um absurdo e chamou Dudu de “engessado”. Basicamente, agiu conforme o script. Mas a reação seguiu-se uma polêmica inútil sobre Maisa, 15, ter ou não sido grossa com Dudu, 19, que se insinuava para ela.

As idades são centro da polêmica. Um é maior de idade, outra é “de menor”. A sugestão de relacionamento entre eles foi uma brincadeira nada inocente. Bem pesada, aliás Aquela que o “Pânico” fez, uma semana depois, em que levou o mesmo Dudu para um “vale night” em que ele passou a mão numa modelo nua, também. Mas o quadro de Silvio é menos inocente.

Porém, é como escreveu Chico Barney no UOL: “Toda vez que escolher um lado a respeito do que ocorre no ambiente tóxico dos estúdios em Anhanguera, você está servindo como mero brinquedo nas mãos da mais superlativa máquina de bullying da TV brasileira”. Melhor passar para a próxima.



Após perder para a Desportiva Ferroviária por 1x0 em partida

no último dia 25, a Portuguesa foi eliminada da Série D do Brasileiro e está pela primeira vez em anos sem divisão no futebol nacional. Agora depende do título da Copa Paulista para voltar à Série D ano que vem.

Para muitos, reflexo do que aconteceu em 2013., quando o clube foi rebaixado pelo STJD por iniciativa do Fluminense.



Corinthians e Santos farão a final do Brasileiro Feminino de 2017. O Santos venceu as duas partidas contra o Iranduba por 2x1 e 3x2. O Corinthians perdeu a primeira pro Rio Preto por 2x1 e venceu a segunda em casa por 1x0, classificando-se pelos gols fora de casa.

As partidas serão dias 13 e 19 de julho. O Santos joga a primeira em casa e o Corinthians decide na Arena Barueri.

Ah, a Portuguesa feminina venceu por 3x1 o Tiradentes e está na Série A1 do Brasileiro. Há esperança.

Para mais informações siga no Twitter @becoolmagazine

setlist

Pra Gretchen dançar

Já que a moda é fazer clipe com ela, então sugerimos aqui cinco músicas lacradoras (blergh!) pra ela dançar em vídeo.

5. Kelly Key — Baba Baby: perfeito para descrever Gretchen. Não me quis no Power Couple, não me procure com a Katy.

4. Ximena Sariñana — Different: quem viu esse clipe sabe o motivo. Alguém mais lembra de “Luz Clarita”?

3. Charli XCX — Breaking Up: porque gente lacradora recusa boy. Nem eu acredito no que escrevi agora.

2. Lily Allen — LDN: essa não é lacradora, mas o clipe é um primor e Gretchen ficaria incrível nele. Sério.

1. Taylor Swift — Bad Blood

Só imagina a reação de certas pessoas... Tem uma no BuzzFeed que ia quebrar o computador.

roteiro sp

.



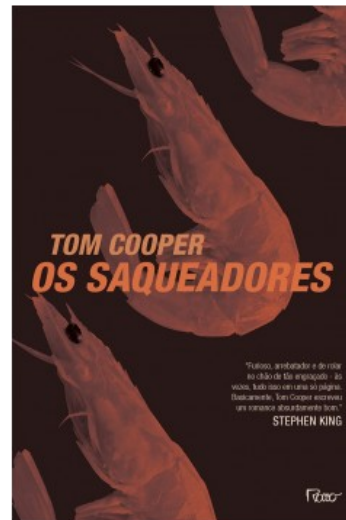
FILME: COMO SE TORNAR UM CONQUISTADOR

Um homem mulherengo (Eugenio Derbez) é despejado pela namorada e se vê forçado a voltar a morar com a distante irmã e seu jovem filho, que aparentemente é problemático.



CD: MELODRAMA

Quatro anos após lançar seu álbum de estreia, Lorde finalmente põe nas lojas o aguardado "Melodrama". Mais madura, a jovem cantora já se consolidou como uma das grandes intérpretes e compositoras de sua geração e retorna aos holofotes para mais um disco de faixas inéditas. "Melodrama", cujo carro chefe é o single "Green Light" e é a faixa que abre o repertório, foi produzido pela própria junto a Jack Antonoff (Bleachers, fun.) e Frank Dukes. (Universal, R\$ 28)



LIVRO: OS SAQUEADORES

A improvável jornada de um pescador de camarões obcecado por encontrar um tesouro perdido, após um desastre ecológico provocado por uma grande corporação obrigar os habitantes da região a encontrar novos meios de sobrevivência. Viciado em comprimidos e a bordo de seu barco, Gus Lindquist conhece uma série de personagens improváveis em sua odisseia pelos pântanos poluídos, cada qual travando suas próprias batalhas para sobreviver em meio à lama e ao caos dos novos tempos. (Rocco, 352 páginas, R\$ 45)



SHOW: RENATO TEIXEIRA, SÉRGIO REIS E ALMIR SATER

Músicas como Romaria, Trem do Pantanal, Panela Velha, O Rei do Gado, Frete, Chalana e Tocando em Frente são apenas uma pequena amostra do rico repertório do show. A ideia para a turnê nasceu após o lançamento do disco "AR", parceria entre Almir Sater e Renato Teixeira, lançado pela Universal Music em 2016. Algumas músicas do álbum estão no repertório, são elas: D de Destino, Bicho Feio, Peixe Frito e Amor Leva Eu. Dia 21 às 22h30 (abertura às 20h30) no Espaço das Américas: Rua Tagipuru, 795, Oeste 01156-000. Telefone: (11) 3829-4899. Ingresso: R\$ 180 a R\$280.

Martí Perarnau

“Futebol é um jogo muito complexo”

Jornalista e biógrafo de Pep Guardiola, Martí terá seu segundo livro lançado em breve no Brasil. Nesta entrevista, ele fala sobre a experiência de trabalhar com o considerado melhor técnico do mundo, o papel do treinador no resultado e opina sobre a polêmica “resultado x espetáculo”.

POR LUIS AUGUSTO MONACO

Martí Perarnau é um jornalista que viveu uma experiência invejável: durante três anos teve autorização para acompanhar de perto o dia a dia de uma comissão técnica dentro de um dos maiores clubes de futebol do mundo, vendo os treinos, jogos, viajando como integrante da delegação para as partidas e ouvindo as preleções e conversas no vestiário. Ele pôde fazer tudo isso no Bayern de Munique enquanto Pep Guardiola comandou o time.

A imersão rendeu dois livros sobre o treinador. O primeiro, chamado “Confidencial”, descreve a primeira temporada de Guardiola no clube. O técnico sabia desde o princípio que Perarnau faria um livro, e impôs como única condição que antes da publicação ele não contasse ao público nem a outros jornalistas nada do que visse. O segundo, que em espanhol se chamou “A Metamorfose” e, em inglês, “Evolução”, será lançado em breve no Brasil pela editora Grande Área e fala sobre as transformações sofridas pelo treinador ao longo de seus três anos na Alemanha.

Perarnau tem 62 anos e nasceu em Barcelona. Praticou atletismo e se destacou a ponto de representar a Espanha na prova do salto em altura nos Jogos Olímpicos de Moscou/80, mas sua paixão sempre foi o futebol.

Referência no jornalismo esportivo europeu, trabalhou em diversos meios de comunicação e foi diretor do Centro de Imprensa na Olimpíada de Barcelona/92. Hoje dirige a revista digital “Perarnau Magazine”, um espaço para discussões, análises e entrevistas sobre esportes. Com ênfase,

claro, no futebol.

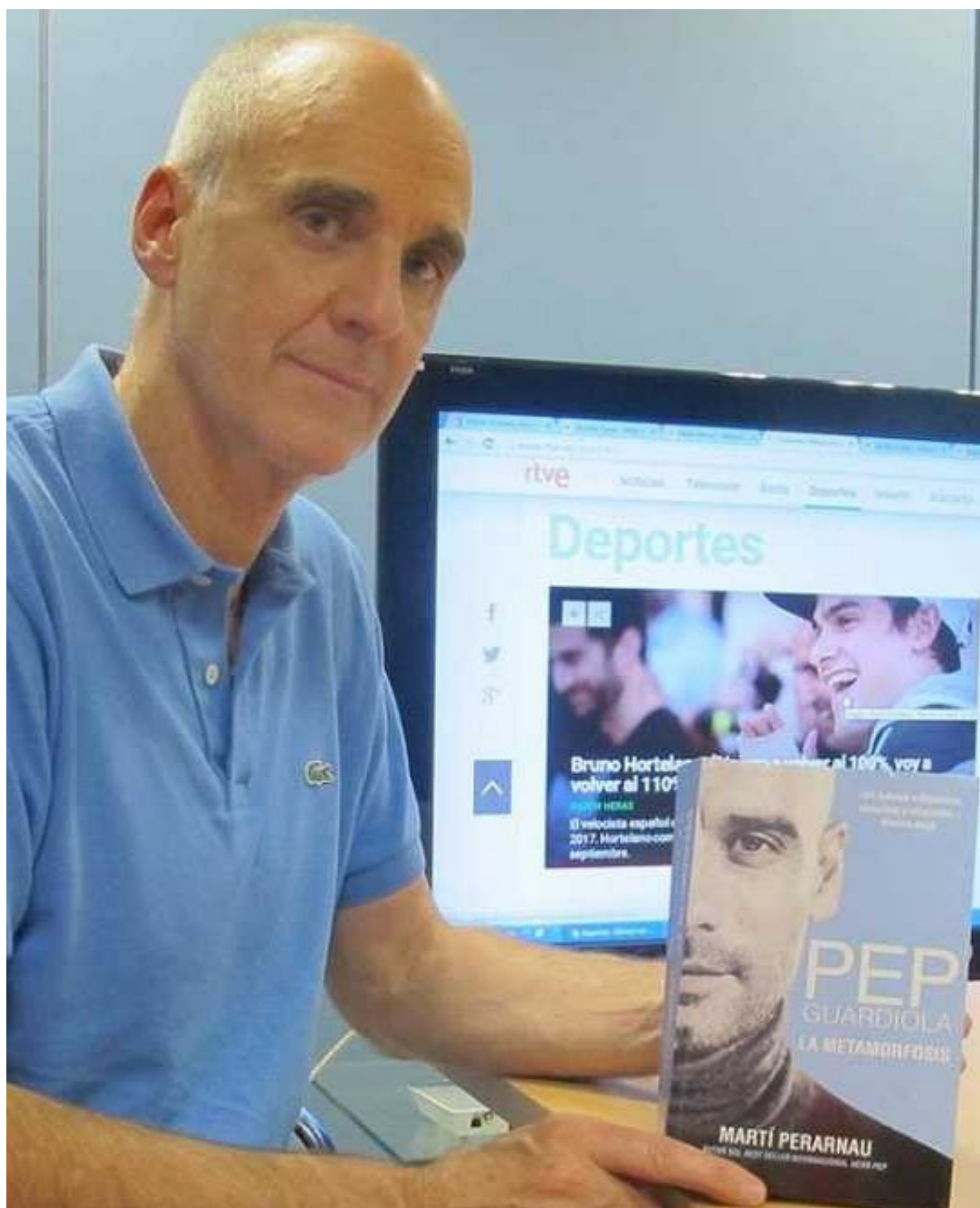
Por telefone, Martí Perarnau conversou por quase uma hora com o Chuteira FC. Falou sobre os livros, o trabalho de Guardiola, sua relação com o futebol brasileiro, Messi, Neymar, jornalismo... Acompanhe a seguir:

Luis Augusto Monaco: O título em espanhol do seu segundo livro sobre Guardiola é “La Metamorfosis”. A experiência de trabalhar três anos na Alemanha dirigindo o Bayern de Munique o mudou tanto assim?

Martí Perarnau: Sim, sem dúvida. Guardiola mudou bastante como pessoa e como treinador. Manteve suas ideias principais, claro, mas aprendeu muitas coisas. Eu comparo a situação à de um jovem de 18 anos que deixa a casa dos pais e passa dois ou três anos em outro país. Quando ele volta já não é a mesma pessoa, está mais maduro, com uma visão mais ampla sobre algumas coisas. Foi o que aconteceu com Guardiola na Alemanha.

LAM: Ele mudou mais como pessoa ou como treinador?

MP: Como pessoa ele aprendeu um idioma complicado, teve de se integrar a uma sociedade muito diferente da sociedade catalã, não tinha amigos nem conhecidos quando chegou a Munique e foi trabalhar num clube que, mesmo sendo excelente, era muito diferente do Barcelona. Ele teve de se adaptar ao modo alemão de fazer as coisas. Hoje é uma pessoa mais madura, conhecedora de outra realidade. Como treinador, teve de aprender uma outra forma de jogar. O futebol alemão, com exceção do Bayern e do Borussia Dortmund, é um vai e



*“Ele sofreu
por ter caído
três vezes nas
semifinais,
sempre
diante de
espanhóis”.*

volta incessante, uma sucessão de contragolpes. Ele teve de aprender a frear esses contragolpes e a enfrentar um jogo muito mais rápido do que o espanhol.

LAM: Ele assimilou mais coisas do futebol alemão ou transmitiu ao futebol alemão mais do seu estilo?

MP: As duas coisas ocorreram, mas não sei calcular em qual proporção. Ele conseguiu fazer o Bayern jogar o futebol que queria, e isso foi mais nítido em seu terceiro ano no clube do que no primeiro. Na temporada passada, a primeira do Bayern sem o Pep, ficou claro como era o bom futebol quando ele estava lá e muita gente sentiu falta dele. É inegável que ele deixou um legado na Alemanha, isso foi reconhecido recentemente até pelo Joachim Löw, o técnico da seleção alemã. Ele disse que as ideias do Pep influenciaram muito o futebol alemão, o da seleção inclusive.

LAM: Os críticos de Guardiola dizem que o trabalho dele no Bayern não foi tão bom, e embasam essa opinião no fato de ele não ter ganho a Liga dos Campeões. Ele foi embora frustrado ou satisfeito com o trabalho que fez por lá?

MP: As duas afirmações são verdadeiras. Ele ficou contente com o trabalho e com a experiência pessoal que teve, e frustrado por não ter ganho a Champions. Ele sofreu por ter caído três vezes nas semifinais, sempre diante de espanhóis. Na primeira, para o Real Madrid, ele reconheceu que errou na estratégia. Na segunda, diante do Barcelona, tinha muitos desfalques e isso pesou contra um time que tem o ataque que tem o Barça. E a última, contra o Atlético de Madrid, foi a mais cruel. O time fez tudo certo, jogou muito bem, mas não conseguiu passar. Jantei com ele, sua mulher e seu filho na noite daquela eliminação, e diante de mim havia um homem muito triste.

LAM: Para escrever o primeiro livro sobre Guardiola, “Confidencial”, você passou o primeiro ano dele na Alemanha acompanhando os treinos, jogos e viagens do Bayern. E para fazer o segundo?

MP: Foi a mesma coisa, acompanhei de perto o segundo e o terceiro ano dele no Bayern. Não fui a algumas viagens mais longas, como para Moscou e a Ucrânia, e durante o recesso da Bundesliga no fim de ano fiquei em casa. Mas estive bastante presente também nos dois últimos anos.

LAM: Esse acesso privilegiado à intimidade do time provocou algum momento de tensão com Guardiola ou outra pessoa ao longo desses três anos?

MP: Nenhum, nem o mais mínimo problema. Digamos que os primeiros meses foram de teste, para eles saberem se podiam confiar em mim, se eu não contaria para ninguém o que estava vendo e ouvindo. Quando se deram conta de que eu era de confiança me abriram ainda mais as portas, o que foi um grande benefício para mim.

LAM: E como surgiu a ideia de fazer o segundo livro?

MP: Isso só me ocorreu em junho de 2016, quando Guardiola já tinha anunciado que iria para o City. Disse a ele que tinha decidido escrever um livro sobre os três anos na Alemanha e como a experiência havia provocado mudanças nele. Inicialmente ele não gostou da ideia, porque não gosta que escrevam a seu respeito, mas depois a aceitou.

LAM: Qual foi para você o saldo desses três anos de convivência tão próxima com um treinador do porte de Guardiola?

MP: Fundamentalmente, me dei conta de que não sabia nada de futebol (risos). Foi uma experiência muito satisfatória e que me ajudou a compreender melhor uma partida de futebol, a analisar os movimentos táticos.

LAM: Em seu blog, “The Tactical Room”, há uma frase de um jornalista chamado Ignacio Benedetti que é a seguinte: “Como analisar aquilo não se conhece?” Você acha que muita gente analisa o futebol sem conhecê-lo a fundo?

MP: Em geral, sim. Isso acontece também em outros esportes, mas no futebol salta mais aos olhos por ser o esporte mais apaixonante e o mais popular. No mundo inteiro as pessoas adoram opinar sobre futebol, o que não significa que tenham conhecimento para isso. Ninguém se atreve a opinar sobre física quântica e a contestar as teorias de Einstein sem ter conhecimento, mas sobre futebol sim. E o futebol, embora possa ser jogado de uma maneira muito simples, é um esporte muito complexo. São 22 jogadores usando a extremidade menos hábil do corpo, que é o pé, num território muito amplo e onde cada ação de qualquer um dos 22 provoca consequências para as duas equipes. Quem tenta fazer o futebol ser visto como um esporte simples não tem noção de sua complexidade.

LAM: O que os três anos com Guardiola mudaram na sua maneira de ver um jogo de futebol?

MP: Taticamente tenho outra visão, mas continuo tendo minhas carências e limitações para analisar um jogo. Vendo os treinos táticos aprendi muito sobre posicionamento e busca por espaços vazios. E convivendo com os jogadores afastei a



ideia de que são super-homens. São pessoas normais, como eu e você, que podem ter um dia ruim em campo e que podem ser afetados por problemas que tenham em casa

LAM: Passando agora ao Manchester City: o volante Fernandinho disse que a grande virtude de Guardiola é saber lidar com o vestiário e motivar todos do elenco, mais até do que seus conhecimentos táticos. Você concorda com isso?

MP: Para quem vê de fora, a imagem de Pep que emerge é a do especialista em táticas, do técnico atento a cada detalhe do jogo, capaz de prever o que vai acontecer e a mudar o andamento de uma partida. Mas quem está dentro tem contato com um Pep emocional, sentimental e motivador, com um grande coração. Fernandinho tem contato com esse lado de Guardiola.

LAM: Pela primeira vez na carreira o Guardiola fechou uma temporada sem conseguir um título. Que balanço você faz do trabalho dele no Manchester City?

MP: Em termos de resultado não foi bom, é claro. Mas para mim não foi surpresa ele não ter ganho um título. No meu segundo livro, que em breve será lançado no Brasil, eu escrevo que a torcida não deveria esperar o “City de Guardiola” na primeira temporada. Ele encontrou um elenco que não era o dele, com uma idade média alta e teria de se adaptar ao futebol inglês. A equipe foi irregular, com ótimas partidas e outras ruins. E mesmo nas ótimas partidas houve momentos não tão bons. Agora ele está montando o elenco como quer, estão chegando e vão chegar muitos jogadores jovens, e então poderemos ver o seu time. O Bayern foi melhorando a cada ano, e estou convicto de que no City acontecerá o mesmo.

LAM: É justo medir o êxito do trabalho de um treinador

apenas pelos títulos ganhos?

MP: O técnico é muito importante, mas não ganha nem perde sozinho. Um maestro pode reger a Nona Sinfonia de Beethoven com a Filarmônica de Berlim e com uma orquestra inferior. A música é a mesma, mas a qualidade da execução é outra. Se o violinista desafina, o resultado do trabalho do maestro não é o mesmo. Se Tite tivesse jogadores da República Dominicana, por exemplo, e não os que escolhe quando faz uma convocação, não estaria conseguindo fazer o que está fazendo na Seleção Brasileira. Isso vale para todos os técnicos.

LAM: Está em seus planos um terceiro livro sobre Guardiola, abordando a experiência na Inglaterra?

MP: No momento não penso nisso. Tudo é possível, mas por ora não está em meus planos embora eu vá bastante para Manchester e acompanhe o trabalho de Pep. Neste momento estou me dedicando a escrever um livro sobre a evolução da tática no futebol desde 1863 e por isso não posso viajar muito.

LAM: Você disse que Guardiola não é um romântico que não se importa com os resultados. Essa discussão “resultado x espetáculo” parece ser eterna. Aqui no Brasil, por exemplo, há os que veneram a Seleção de 82 e os que preferem a de 94 por ter sido campeã mundial.

MP: Bom, pode me colocar do grupo dos que preferem o time de 82. O resultado é importante, claro, mas os times que ficam na minha memória são os que jogam bem. A história do futebol está cheia de grandes times que não foram campeões, e vocês brasileiros sabem bem disso. Aconteceu isso com o Brasil em 50, em 82 e em 86. Também tivemos a Hungria de 54, a Holanda de 74... Não ganharam, mas são equipes inesquecíveis. ●

manual

ESTILO E COMPORTAMENTO



carreira

DEIXAR OU NÃO EM PRETO E BRANCO?

POR PEDRO NOGUEIRA

Não se sinta mal se você for viciado no seu iPhone, Galaxy ou qualquer smartphone que tenha. Afinal, todos eles foram projetados para fazer exatamente isso: drenar ao máximo sua atenção.

Sempre que você checa o celular, lá está a notificação de uma piada no grupo do WhatsApp, a foto nova daquela sua amiga gata no Instagram, a última notícia sobre o glorioso Timão no Brasileiro.

E isso tudo, apesar de não acrescentar nada na sua vida, traz uma pequena satisfação momentânea e viciante que faz você voltar para o celular de 20 em 20 minutos. Ou menos.

Se você está à toa em casa, não tem tanto problema. O duro é fazer isso no trabalho (e quem não faz?) porque detona a nossa concentração e atrapalha demais a performance profissional.

Mas um ex-designer do Google e fundador do movimento “Time Well Spent”, Tristan Harris, tem uma dica para combater essa distração

sedutora do smartphone: deixar a tela em preto e branco.

Isso é muito mais fácil do que você imagina no iPhone. Pode variar um pouco dependendo da versão do seu iOS, mas basicamente é o seguinte:

iPhone: Ajustes > Geral > Acessibilidade > Adaptação de Exibição > Filtro de Cor > Tons de Cinza

Em relação ao Android, nem todos smartphones oferecem essa opção. Quando eles têm, em geral também fica em “Acessibilidade”.

Com esse truque se simples, a chance de nossa atenção ser sequestrada pelos persuasivos apps diminui drasticamente.

Óbvio que ninguém compra um smartphone de última geração para vê-lo numa escala da cinza arcaica. Mas é legal para o horário de trabalho pensando em melhorar o seu desempenho. Não acham?



CORRER ATRAPALHA HIPERTROFIA?

POR RICARDO WESLEY

Correr atrapalha a hipertrofia?

Esta é uma pergunta simples, mas cuja resposta é complexa. Antes de mais nada, é preciso definir o tipo de corrida em questão e qual é exatamente o seu objetivo em relação à hipertrofia.

Basicamente, quanto mais forte foi o seu treino aeróbico, maior será o gasto de energia. É necessário, portanto, aumentar o seu consumo calórico na alimentação para gerar um balanço energético positivo para a construção da massa muscular.

Outro ponto é que, se você colocar muito foco na corrida,

seu corpo terá menos tempo para descansar da musculação. Isso pode comprometer o seu processo de recuperação e é durante ele que os músculos crescem.

Há, no entanto, outros fatores que devem ser levados em conta. Vejamos.

1# TIPO DO TREINO

- **Caminhada:** Ninguém vai ser proibido de andar, seja na esteira, no parque, ou no shopping, mas tudo depende do volume. Um carteiro, por

exemplo, vai ter dificuldade de hipertrofia. Agora, se for o tradicional de 30-60 minutos, isso não irá prejudicar ninguém no processo de hipertrofia.

Trote: Ao aumentar a intensidade, tanto o gasto energético quanto o desgaste começam a atrapalhar na recuperação. O dia e horário que você irá realizar esse treino em relação ao treino de musculação é de

grande relevância.

• Forte ou Intervalada:

Salvo com o objetivo de condicionamento ou de queima de gordura, esse tipo de corrida irá prejudicar seus ganhos de massa muscular. Mas não quer dizer que irá lhe fazer mal à sua saúde.

2# FREQUÊNCIA DO TREINO

- **Antes ou depois do treino:** Isso prejudicará seus ganhos. Se você correr antes do treino de musculação, seu



treinamento será atrapalhado pelo elevado gasto energético da corrida. Se for depois, irá prejudicar o processo de recuperação.

- **Em outro momento no mesmo dia:** Isso prejudicará muito pouco, a não ser que a corrida seja realizada no período noturno e a musculação no período matutino.
- **Em dias alternados aos dos treinos:** Desta forma você corre o risco de prejudicar o

processo de hipertrofia dos membros inferiores, mas muito pouco, especialmente com um intervalo de pelo menos 24 horas do treino de pernas.

3# VOLUME DO TREINO

- **Tempo:** É importante que o volume esteja de acordo com seu nível de treinamento. Começar correndo uma hora é um erro; o ideal é começar com tempos menores como 20-30 minutos. Dessa forma não prejudicará nem a

massa muscular e nem as demais atividades do dia-a-dia por dores musculares.





grooming

.

RASPADO, APARADO OU NATURAL?

POR PEDRO NOGUEIRA

Raspado, aparado ou natural: como as mulheres preferem o nosso peitoral?

Um estudo australiano investigou esse mistério para ajudar nós, homens, a tomar a decisão mais sábia na hora de cuidar do grooming do corpo.

Eles fotografaram vários níveis de pelo corporal — natural, médio, aparado, aparado curto e raspado — para fazer um questionário em que as garotas diziam qual era o mais atraente.

Apesar do estilo raspado estar em alta, ele ficou em segundo lugar, atrás do aparado. O pior avaliado? O

peitoral selvagem.

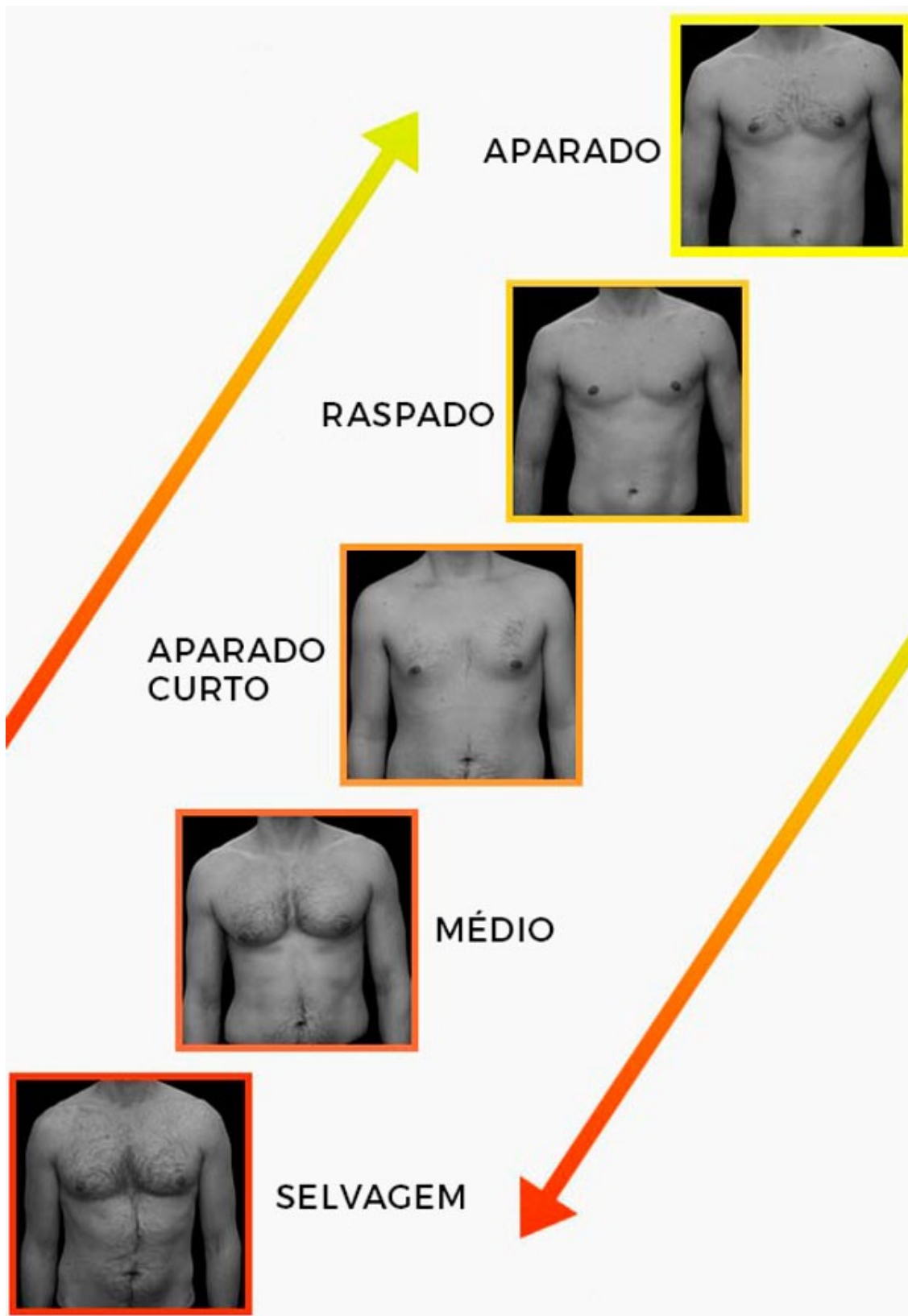
Na página ao lado, um infográfico com a escala da atração feminina, que a “Men’s Health” americana montou e nós traduzimos para facilitar a compreensão.

Segundo os pesquisadores, a motivo disso é que ter um certo nível de pelos é sinal de masculinidade, mas o excesso deles traz uma imagem agressiva demais, o que desagrada muitas mulheres.

Claro que a regra não se aplica a 100% das mulheres. Há várias que preferem homens peludos ou lisos. Mas se você quiser fazer a aposta

segura, basta usar o aparador num pente baixo e pronto.





MCKENZIE HAYES

POR ALEJANDRO CORREDOR



























acontece

O MUNDO DOS XENNIALS

A geração que hoje beira os 40 anos é velha demais para ser millennial e jovem demais para ser da geração X. Será a última geração a se lembrar de nossas vidas antes da Internet.

POR JOE MILLER

Nintendo GAME BOY™

BATTERY

BOY WITH LITHIUM BATTERY

Saíamos de casa sem celular e sem que ninguém nos pudesse avisar de que chegaria tarde.

Talvez você se sinta velho demais para ser um millennial.

Não teve celular até entrar na universidade, por exemplo, e pode ser até que tenha filhos. Não está na condição de ser chamado de geração do futuro. Mas, ao mesmo tempo, a Geração X é muito distante para você. O grunge era algo que os seus irmãos mais velhos escutavam e você conhece Winona Ryder mais por *Stranger Things* do que *Caindo na Real*.

Nesse caso, é possível que você seja um xennial. Tranquilo, não é um insulto. Acho. O termo, que mescla o X com o final da palavra millennial, aparece pela primeira vez em um artigo do site Good, publicado em 2014. Ali era definido como “uma microgeração que funciona como ponte entre o descontentamento da Geração X e o alegre otimismo dos millennials”, mas “sem estar tão irritados como a Geração X e nem tão seguros como os millennials”.

Se virou popular nas últimas semanas foi graças a um meme muito compartilhado no Twitter e no Facebook. Segundo esse texto, com o qual muitos se identificam, estas são as quatro características desta geração divisora de águas. Note-se o convite à nostalgia que fica claro ao mencionar a trilogia *Star Wars*, enfatizando que é a “original”. Ou seja, a boa.

Talvez o traço mais característico seja o terceiro: como diz o jornalista Michael Harris em seu livro *The End of Absence*, somos a última geração que se lembrará de como era a vida antes da Internet. Dan Woodman, sociólogo da Universidade de Melbourne, concorda e explica ao *El País* por email que o termo xennial tem sentido quando se fala das experiências digitais, que são similares para os millennials mais velhos e para os geração-x mais jovens.

Woodman, aliás, se transformou de forma acidental no sociólogo oficial dos xennials. O site Mamamia o entrevistou na semana passada em um artigo sobre o tema, mas outros órgãos da mídia passaram a atribuir-lhe o mérito de ter cunhado a palavra: “Inventaram isso”, queixa-se; “Fala-se do termo na Internet há uns quatro anos”.

Nós, xennials, vivemos muitos anos sem Internet. Não havia Tinder e tínhamos de ligar para o telefone fixo da pessoa de quem gostássemos para convidá-la a ir ao cinema, confiando em que seu pai ou sua mãe atendessem. Compramos discos porque era a única forma de escutar a música que queríamos quando queríamos. E saíamos de casa sem celular e sem que ninguém nos pudesse avisar de que chegaria tarde.

Mas também começamos a usar a Internet e o telefone (talvez um Nokia 3310 sem conexão com Internet) na escola ou na

universidade, o que foi suficiente para que, ao começar a trabalhar, algum chefe nos dissesse algo como “você sabe como é isso da Internet, não?”, antes de nos pedir que lhe abrísssemos uma conta de email no Hotmail.

“Há vivências comuns. E uma das diferenças entre gerações pode ser o acesso aos instrumentos tecnológicos, que proporcionam um contexto vivencial comum”, explica ao *El País* Almudena Moreno, socióloga da Universidade de Valladolid e coautora do Relatório da Juventude na Espanha 2012. Esse contexto também influi em como nos relacionamos com os demais.

De todas as formas, tanto Moreno como Woodman são críticos dessas generalizações. Os novos rótulos são criados para tentar explicar “mudanças demográficas ou de valores”, explica Woodman. No entanto, não há critérios claros “para saber o que define uma geração e, na minha opinião, ficar de acordo nisso é pouco provável”.

Moreno recorda que os jovens “são um coletivo muito heterogêneo” e é muito difícil definir a todos com os mesmos adjetivos. “Parece que só se faz isso para lhes vender produtos, e que colocar um rótulo seja como imprimir-lhes um preço”.

Na realidade, a criação desse rótulo divisor de águas responde em grande medida à insatisfação de muita gente com os defeitos dos outros dois rótulos, a Geração X e a dos millennials. Como já se tinha escrito no *El País*, colocar num mesmo saco todos os nascidos entre 1982 e 2004 pode ser um erro em muitos casos, por se tratar de um grupo muito amplo, com experiências muito diversas. “Nenhuma geração tem uma série homogênea de crenças e valores”, explica Woodman, que acrescenta que há muitas diferenças entre as experiências dos membros de uma mesma geração e entre jovens de diferentes países, por mais que nos empenhemos em importar termos norte-americanos.

Além do mais, a diferença entre as gerações “nunca será absoluta” e é bem possível que um millennial nascido em 1982 tenha mais em comum com um geração-x nascido em 1979 do que com um millennial que nasceu em 1992

Ou seja, embora se possa falar de mudanças geracionais, “cada geração se sobreporá à anterior e à posterior, e não são radicalmente distantes umas às outras”. Disso tampouco se livra a definição de xennial, mesmo se apresentada como divisora de águas: uma pessoa nascida em 31 de dezembro de 1976 já não pode sentir-se identificada com esse rótulo?

Não há rótulos somente para os millennials mais velhos.



Também para os mais jovens: muitos consideram que os últimos millennials são os nascidos em 1993 e a partir de então deve-se falar de Geração Z, como menciona este artigo do The New York Times, que os define como trabalhadores e preocupados com o futuro.

Resumindo: ninguém quer ser millennial. O rótulo, que por si só é muito discutível, provoca rejeição: somente 40% dos norte-americanos inseridos na categoria se sentem parte dela, segundo o instituto de pesquisas sociológicas Pew Research. De fato, 33% se consideram parte da Geração X (imagino que muitos agora se sentirão xennials). Isto é compreensível se levarmos em conta que a maioria dos qualificativos que lhes são dedicados são (injustamente) negativos: “Egoístas,

preguiçosos, nem-nens...”, enumera Moreno. “São adjetivos que não correspondem à realidade”. Em sua opinião, estão relacionados com uma lógica de mercado na qual se quer fomentar o individualismo e acusar os jovens de não serem capazes de resolver problemas que, com frequência, herdaram de gerações anteriores.

Isto não quer dizer que esses termos não tenham nenhum valor. Como explica Woodman, parafraseando José Ortega y Gasset, “somos formados pelo tempo em que vivemos”, especialmente pelas experiências de nossa juventude, “que determinam nossas vidas e podem criar novos movimentos políticos”. ●

CRIMINALIZAR É A SOLUÇÃO?

A demanda de criminalização da homofobia é legítima, mas se o objetivo é combater a homofobia, talvez seja melhor olhar para além do punitivismo e mudar o foco.

POR MAURICIO MORAES





AMAS
AS
SOAS

criminalizar é a solução?

*Não é
razoável
mandar para
trás das
grades
qualquer
imbecil que
ofenda um
LGBT na rua.*

Nos últimos anos, tenho defendido a criminalização de crimes de homofobia, que aqui vou chamar de LGBTfobia para incluir todas as cores do arco-íris. Tratam-se de crimes de discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexuais e tudo o que a diversidade permitir.

O atual projeto (PLC 122/2006) pune com até cinco anos de cadeia os crimes de injúria, humilhação e agressão verbal contra os LGBTs, em termos parecidos com os da lei contra o racismo. Mas prisão deve ser mesmo o caminho? Não se trata de uma lei muito dura?

A demanda pela criminalização da homofobia é legítima. Afinal, um LGBT é morto por dia devido à intolerância no Brasil, uma triste estatística onde também somos recordistas no mundo.

Mas é preciso mudar o projeto e o foco do movimento LGBT. Além de ser ruim, o PLC 122 está há anos adormecido nas gavetas do Congresso. Foi barrado pelos deputados da bancada evangélica, em dobradinha com a bancada católica.

A grande bancada da Bíblia (que costuma ser a mesma da bala e do boi) também impediu que o debate sobre gênero e sexualidade fizesse parte do conteúdo obrigatório das escolas, conforme previa o Plano Nacional de Educação. Aí está outra peça do xadrez que quero tratar aqui.

Em uma verdadeira cruzada, inventaram a grande mentira (ou pós-verdade) de que os LGBTs desejavam impor a tal “ideologia de gênero”. Pior, insinuava-se de maneira desonesta que trazer conteúdos sobre gênero e diversidade para as salas de aulas significaria ensinar crianças a serem gays ou lésbicas.

Nunca disseram que o debate sobre gênero é baseado na questão da tolerância e respeito à diversidade sexual. E assim o termo “ideologia de gênero” ganhou o mundo, pelas redes e os púlpitos das igrejas, com discursos vazios reproduzidos por quem, a princípio, não sabe o que está falando.

Pesquisa Ibope, encomendada pelo grupo Católicas pelo Direito de Decidir, mostrou que 84% dos brasileiros topam discutir gênero nas escolas. E, durante a última Marcha para Jesus, em São Paulo, outra pesquisa da USP-Unifesp mostrou que 77% dos evangélicos presentes concordavam que “as escolas deveriam ensinar o respeito aos gays”.

Meu palpite é que as pessoas não necessariamente sabem lidar com os assuntos de sexualidade. Mas já entenderam que isso é parte da realidade e estão de boa que os professores discutam isso com seus filhos.

A conclusão mais contundente, porém, é que a bancada

religiosa do Congresso não fala em nome dos evangélicos brasileiros. Na Marcha para Jesus, o mesmo público rechaçava em sua maioria (86%) as reformas trabalhistas e da Previdência, defendidas com ardor pelos pastores-deputados que sustentam o governo de Michel Temer.

Imagino que em outros estados observe-se o mesmo descolamento entre o que dizem os políticos-pastores e o que pensam os eleitores-evangélicos.

Portanto, é hora de ignorar quem usa os LGBTs para promover o tal projeto “Escola Sem Partido”. Não vale a pena dar ibope aos políticos que promovem tal causa.

Em vez de buscar uma lei que mande homofóbicos para a cadeia, creio que devemos partir para uma política mais palpável, buscando inserir a discussão de gênero nas escolas.

Antes, um adendo: é óbvio que não estou defendendo aqui uma vida fácil para os homofóbicos.

Qualquer crime envolvendo agressão corporal ou morte deverá ser julgado como já é hoje, nos termos do Código Penal. A motivação de LGBTfobia deverá ser sempre registrada. Não é possível esquecer Dandara dos Santos e tantas outras vítimas da intolerância.

Sou contra a criminalização com exagero punitivista, prevendo cadeia para todo tipo de injúria. Medidas educativas, como a prestação de trabalho comunitário em espaços que combatam a intolerância, ou pagamento de indenizações, são mais produtivas.

Não é razoável mandar para trás das grades qualquer imbecil que ofenda verbalmente um LGBT na rua. Prisão não é solução. Até porque quem geralmente vai para a cadeia no Brasil têm cor, classe social e endereço bem definidos, ou seja, são pretos, pobres e periféricos.

O encarceramento em massa é um dos principais motores da violência epidêmica que nos assola. São 60 mil homicídios por ano.

E o roteiro da maioria dos presos é quase sempre o mesmo. O sujeito é jogado em uma masmorra, convive com a criminalidade. Ao sair, será estigmatizado e não encontrará emprego. Muitos então partem para a delinquência, perpetuando um ciclo de violência que precisa ser rompido.

Até ano passado, fui Secretário de governo na pequena Araçoiaba da Serra (SP). Por lá, a Câmara dos Vereadores também não concordou em inserir o debate sobre gênero no Plano Municipal de Educação. Só que a lei não impede a realização de debates – e foi o que fizemos.



No curso de formação anual de toda a rede municipal, inserimos na grade optativa uma oficina sobre como trabalhar o bullying sexual nas salas de aula. A palestrante foi uma pedagoga transexual, diretora da rede estadual. O tema foi bem recebido pelos professores e essa oficina foi a mais concorrida entre os docentes.

Falar sobre questões de gênero nas escolas é mais fácil do que pensamos. Para a as crianças de hoje, gostar de homem ou de

mulher é só um detalhe. O preconceito é historicamente construído.

A grande questão está na cabeça dos velhos de alma. E não vale a pena lutar contra espantalhos. Por isso devemos levar o debate para as salas de aula. Haverá resistências, mas geração que virá será melhor. Cabe a nós apenas dar um empurrãozinho. ●





DINA

POR SARAHLIKESPETTYGIRLS









esquenta

SEXO, RELACIONAMENTO E ATITUDE

atitude

A MAIOR PLATEIA DE UM HOMEM É SEU PAI

POR FABIO HERNANDEZ

A mulher pode implicar com qualquer coisa nossa. Com nossos amigos. Com nosso carro. Com nosso cachorro. Com nossa mania de discutir sobre futebol como se fosse uma coisa realmente séria. Até com o talento culinário da nossa mãe. A mulher pode implicar com tudo o que quiser.

Exceto uma coisa: o nosso pai.

A pior coisa que uma mulher pode fazer pelo romance é implicar com o pai do namorado, marido ou o que seja. Porque o pai é a figura central na vida de um homem. O pai é nosso modelo desde o berço até o caixão. Nós passamos a vida inteira querendo fazer bonito para as mulheres. Mas o julgamento de nenhuma mulher, por mais amada que seja, tem para nós o mesmo impacto do julgamento do nosso pai.

A reprovação paterna é cruel como um velho cossaco russo. (Meu tio Fábio, um homem sábio do interior, é quem dizia que os velhos cossacos russos eram cruéis. Nunca chequei, mas confio em meu tio, e então acredito na crueldade cossaca.) E poucas coisas se igualam, em toda a nossa vida, à aprovação paterna. A maior platéia de um homem é composta de uma pessoa só: seu pai.

Um amigo meu jogava futebol. Futebol sério. Não essas peladas de cervejeiros nos finais de semana. Batia de canhota. Jogou em estádios cheios, com torcida fazendo batucada. Ele me disse uma vez que, durante os jogos, sempre olhava para as arquibancadas à procura de seu pai.

Importava menos a opinião do seu técnico do que a de seu pai. Cada grande jogada que fazia pensava no pai. E quando perdeu um gol decisivo ele ficou arrasado porque sentia que decepcionara seu pai. Sempre entendi esse meu amigo

perfeitamente.

Numa certa época da vida, na adolescência, gostamos de contestar o pai. Mas uma contestação de mentirinha. Somos, na adolescência, idiotas sem juízo, ignorantes presunçosos. Mas este estado de torpor intelectual não dura uma vida inteira. Envelhecemos, graças a Deus. E logo aprendemos que nosso pai estava quase sempre certo nos reparos que nos fazia em nossa adolescência. Matamos o pai, adolescentes, para ressuscitá-lo, ainda mais forte, na idade da razão.

E então digo a todas as mulheres do mundo interessadas num bom relacionamento amoroso: não mexam com o pai dele. Se não bastassem todas as razões que alinhei, haveria ainda uma outra.

O nosso pai, ao contrario da nossa mãe, é quase sempre aliado da namorada. Porque ele tem a esperança de que ela possa trazer juízo para o filho. Possa transformar o garoto num homem. No mais das vezes, é – para citar uma frase fabulosa de La Rochefoucauld que já utilizei numa coluna anterior – o triunfo da esperança sobre a experiência.

E agora a parte triste (quem quer coisas alegres mude agora, por favor, de texto.) A morte do pai atira o homem num persistente estado de desamparo do qual ele leva anos, décadas para se livrar. Às vezes, nunca se livra. Pai morto. E então me ocorre a idéia de uma onda. Para enfrentá-la preciso bater os braços, bater os braços e ainda bater os braços. Para onde as braçadas levam? Francamente não sei, mas o que importa?

O que importa é bater os braços, bater os braços e ainda bater os braços.



esquenta

•



sexo

•

ONDE FICA O PONTO G?

POR EL HOMBRE

O Ponto G tem sido colocado em questão desde sua descoberta e inúmeros estudos já tentaram provar (ou negar) sua existência.

Uma das pesquisas favoráveis é a do ginecologista americano Adam Ostrzenski, que afirmou ter encontrado definitivamente a sua localização em 2012.

A pesquisadora australiana Helen O'Connell, por outro lado, garantiu em 2016 que o prazer supostamente proporcionado pelo Ponto G na verdade é fruto da "fricção

entre a parte interna do clitóris, a uretra e a parede vaginal".

Qual deles está correto? Boa pergunta. Mas nomenclaturas à parte, ambos estudiosos concordam que de fato existe uma região dentro da vagina capaz de proporcionar um prazer intenso às mulheres.

Se é o Ponto G defendido por Ostrzenski, ou a parte interna do clitóris defendida por O'Connell, na verdade não faz diferença. O que importa, afinal, é o efeito erógeno da área.

COMO ENCONTRAR E ESTIMULAR ESSA ZONA?

Antes de mais nada, saiba que o pênis não é o melhor instrumento para estimular a região. O ideal é utilizar os dedos.

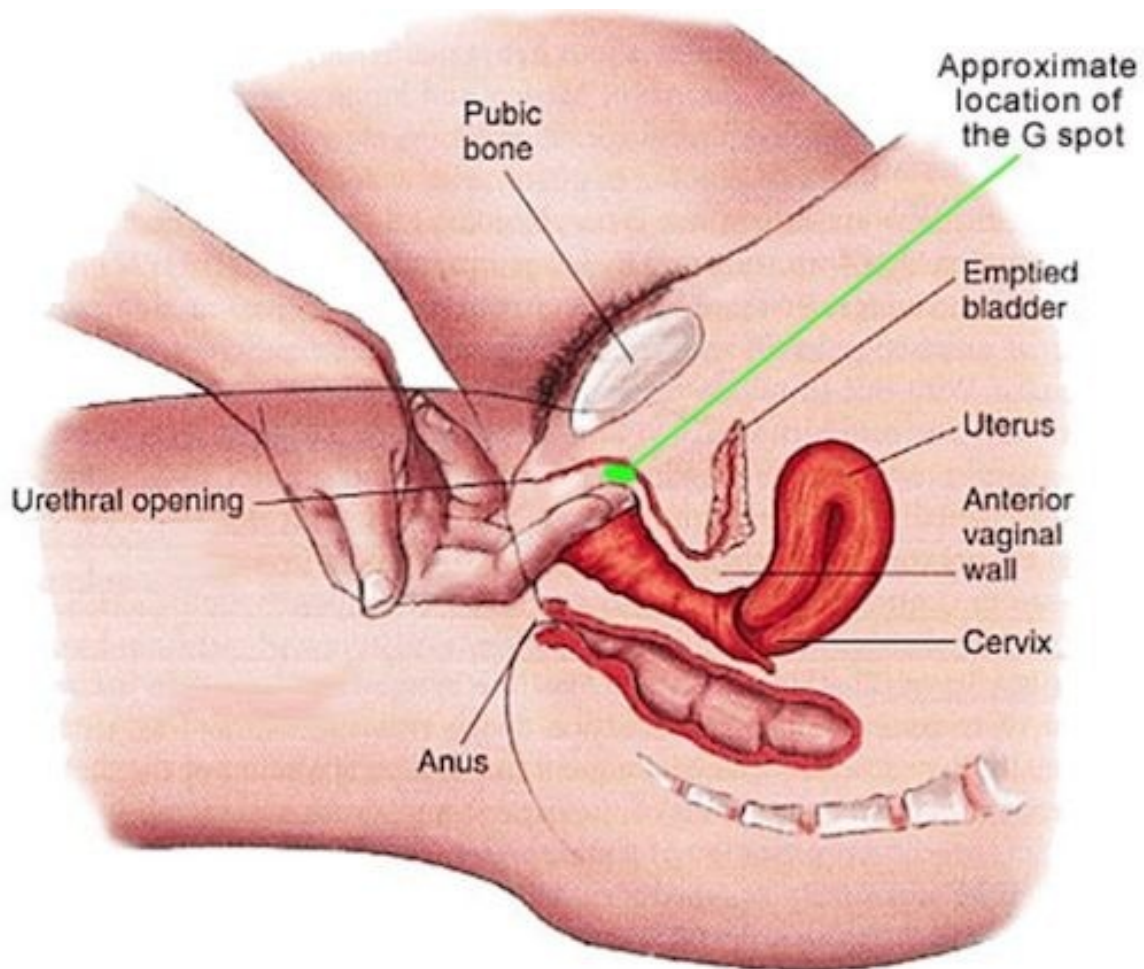
O Ponto G (ou a parede interna do clitóris) é uma área localizada em torno de 5 cm acima da entrada da vagina, na parede frontal, com tamanho aproximado de uma moeda.

Sua textura é um pouco mais áspera do que o tecido em sua

volta. Do lado, uma ilustração para entender melhor a localização:

Como estimular a área? Simples. Com o dedo dentro da vagina, dobre-o em direção a você mesmo, como se fosse fazer um movimento de "vem cá", e repita esse gesto num ritmo contínuo.

Para deixá-la ainda mais excitada, você pode fazer esse estímulo ao mesmo em que brinca com o clitóris (com a boca, enquanto pratica sexo oral, ou utilizando o dedão). A chance da sua parceira atingir



o orgasmo é bem alta assim.

E pronto! Agora você já sabe tudo o que precisa para excitar o Ponto G ou a parte interna do clitóris (dependendo da pesquisa que acredita e o nome que prefere).

Mas lembre-se da importância do diálogo. O que funciona para uma mulher nem sempre é o melhor para a outra. Nunca tenha vergonha de perguntar e pedir instruções à sua parceira.



faz sentido?

.

E SE EU FOR DUDA CAMARGO?

POR MÔNICA DE SOUZA

Tudo já foi dito sobre a polêmica envolvendo o apresentador e pseudo jornalista do SBT Dudu Camargo. Que ele abusou de Maisa, que ele é engessado, que ele é gay, que ele agrediu um ex-namorado, que ele é uma pegadinha de Silvio Santos com o jornalismo do SBT,... E dá-lhe polêmica, pedrada, nota oficial, notícia de site de Internet...

Mas o que mais me chama a atenção na carreira meteórica de Eduardo é a alegação - verdadeira, por sinal - de que ele não está preparado para apresentar um jornal, por não ter diploma, ser só um adolescente (de 19 anos?) e não passar credibilidade.

Não que o Primeiro Impacto, programa que Camargo apresenta no SBT, seja o que se pode chamar de jornal. Nem que o público de um programa destes espere credibilidade alguma. A reclamação vem de um grupo de jornalistas que, quando consegue emprego, é de mancheteiro de um site de fofocas. Por que gente diplomada não tem a mesma chance que Dudu tem no SBT?

Andei pensando bastante no assunto, tanto que tenho medo de chegar a uma conclusão inevitável.

Eu vou explicar. Eu tinha 18 anos em 2009 e, neste maravilhoso ano, eu pude assumir publicamente que via coisas impróprias na Internet, mais pelo humor, digamos assim, do que por qualquer outra coisa. Com isso, eu conheci o Toninho, quer dizer, Antônio Araújo Costa. Ele era o diretor de redação de uma revista chamada Playborders, criada por um grupo de amigos em 1997 e que ficava, como toda fanzine, restrita a um pequeno grupo de pessoas que a cultuava. E eu era parte desse grupo.

Tão parte deste grupo que Toninho, mestre de todos nós, me chamou para assumir uma coluna chamada "Faz Sentido?" na revista que ele dirigia. A coluna pertencia a um tal de Ricardo, não lembro o sobrenome, mas hoje ele trabalha numa redação profissional. Era uma coluna propositalmente ácida, cheia de verdades inquestionáveis daquelas que iniciam um bom papo de bar. Ricardo fazia a coisa com

maestria, mas agora estava de saída e eu ia pegar o lugar dele.

Eu, com 18 anos, sem formação nenhuma, acabava de sair do ensino médio e tinha a intenção de fazer faculdade de cinema. Óbvio que eu, uma menina em todos os sentidos, não estava preparada para tal missão. Toninho insistiu. E como ele era convincente. Acabei indo.

Até este mês eu nunca tinha entendido a intenção de nosso mestre me fazer colunista. Mudei a "Faz Sentido?" para a BECOOL em novembro de 2012 e nunca tinha parado pra pensar na intenção de Toninho por trás de minha promoção.

Mas Dudu Camargo, com seu jeito forçado, com seus 19 anos, com todas as polêmicas que o envolvem, me concedeu sem querer uma explicação. E ela é terrível!

O patriarca dos Abravanel não dá ponto sem nó, como Chico Barney observou em sua coluna do UOL. Dudu é, para Silvio Santos, uma fábrica de manchetes escondida num pseudojornal que vai ao ar às 6 da manhã. Despreparado para a função que exerce, o garoto se embanana no universo das celebridades instantâneas enquanto o Homem Sorriso se aproveita de nossa raiva. Quanto mais falamos sobre Dudu, mais nos lembramos da existência do SBT.

E se for isso que passou pela cabeça de nosso mestre na Playborders? As poucas pessoas que liam a revista reclamaram de meus primeiros textos. Depois acostumaram. Mas não colhi os frutos lá, porque vim pra BECOOL.

Será que ele queria que eu fosse assunto? Ou que a revista fosse assunto por minha causa? Como Diogo Mainardi fez com a Veja? E se eu for, na verdade, Duda Camargo?

Se bem que eu não sou assim tão impotente e nem me tornei uma celebridade (ufa!) por causa disso. Mas Toninho, depois de tantas lições que me deu, conseguiu me ensinar também como funciona a cabeça de um homem de mídia. Ainda assim, espero que o Gui não tenha me contratado por isso também. E se eu for o Marcão do Povo dele?

COLHENDO OS FRUTOS

POR ALBERTO VILLAS

Usufruíamos daquelas frondosas árvores

durante muito tempo, nossa infância e juventude. Só na minha casa, havia uma parreira carregada de uvas Niágara todo fim de ano, uma ameixeira e duas laranjeiras. Na casa do vizinho, muitas bananeiras, um pé de jambo amarelo e uma goiabeira.

Na chácara de Dona Catarina, em Cataguases, muitos pés de carambolas, de jambo vermelho, de abil, muitos pés de pitanga, jabuticaba, caju, abacate e fruta do conde.

Fomos acostumados a comer frutas no pé, sem agrotóxico, sem veneno algum. Sequer lavávamos antes de colocar na boca. A goiaba vinha cheia de bichinhos brancos que espantávamos com um peteleco e quando iam parar na nossa boca, cuspiamos.

Subíamos nas árvores como se fôssemos macacos, pulando de galho em galho até o topo, onde estavam as jabuticabas maiores, sempre.

Os meus pais acostumaram os filhos a comer muita fruta. De manhã, não faltava na mesa o mamão com açúcar, a laranjada, e meu pai, metido que era, às vezes comprava melão espanhol nas Estâncias Califórnia, num tempo em que melão era só importado.

A maçã e a pera também eram importadas. Vinham da Argentina, embrulhadas em um papel de seda azul com um perfume que ainda sinto até hoje.

Nossa infância foi coroada de frutas e mais frutas que, segundo a minha mãe, chegavam à mesa, graças a Deus. Mas havia um fantasma

no ar, o da nódoa.

Dona Lali lavava nossas roupas com Rinso, uma novidade na época, um sabão em pó que, segundo a propaganda, deixava a roupa mais branca. A única recomendação que ela nos passava era essa:

- Cuidado com a nódoa!

Minha mãe repetia uma ladainha todos os dias: Caju dá nódoa, manga dá nódoa, jabuticaba dá nódoa. Ela tinha um verdadeiro pavor de roupa com nódoa que, para quem não sabe, é uma mancha que fica na roupa pra sempre.

Ainda não havia Google pra ela e por isso não sabíamos porque algumas frutas deixavam aquelas manchas horrendas nas nossas camisas brancas.

As antocianinas presentes nas frutas tendem a fixar-se nas fibras dos tecidos. Quando lhes é aplicado calor a nódoa torna-se mais profunda pois dá-se uma mudança química na sua composição que dificulta grandemente a remoção da nódoa.

Lembro-me bem da minha mãe no tanque tentando retirar nódoa das roupas. Ela colocava um copo de água sanitária Globo, misturada com água e sabão português. Chacoalhava, deixava de molho e depois colocava no sol pra quarar. Mas a nódoa não saía por nada.

Fiz uma pesquisa rápida e constatei que menino nenhum hoje com sete, oito anos, sequer sabe o que é nódoa. Uma pena, porque em 2040 eles não vão ter uma história assim pra contar.



becool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El País, P Magazine, Purple Diary, El Hombre, Chuteira FC, CartaCapital, Purebreak, Adorocinema, Livraria da Folha e Guia da Semana.

MAIS



REVISTAS

BECOOOL é uma publicação da Mais Revistas.
Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

INSCREVA-SE



becool



pra quem se veste com inteligência

